



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Visado pela Censura do Porto

OUTRA VÊZ A VIAJAR

NOTA DA QUINZENA

CÁ estamos a caminho de Lisboa. Havia já dois meses que não punha ali os pés e fiquei admirado do progresso. Progresso no transito de peões. Sim senhor. Ninguém sai do risco. Tudo na apurada. Será também assim por dentro? Gostaria de saber se também tem havido progresso nas linhas interiores dos lisboetas.

Que êle é facil entrar nos eixos quando alguém nos obriga a isso. Lá está o policia. Lá está o vigilante, — olé! Porém, traçar cada um o risco e ajustar-se a êle; ao caminho estreito de que fala o Mestre! Sim. Gostaria de saber se também em Lisboa tem havido qualquer coisa nesta direcção!

Tudo muito certo nas travessias, sim, mas, nos passeios, ainda há muito que vêr. Vê-se o grupo e o gesto e o calor da conversa. Grupos aqui, grupos além. *Dá-me licença?* Não dão licença. Não ouvem sequer pedi-la, de entusiasmados com o assunto! Então quê? Nada. A gente desvia-se e acabou. Outra coisa que também está na mesma, são os cafés. Os cafés estendidos nos passeios. Mirantes. Os senhores mai-las senhoras, sentam-se a tomar café e a observar quem passa: *Olha aquê. Olha aquela.* Et coetera...

Na estação de S. Bento, estava o Julio, a quem tinha mandado recado; que viesse para falarmos de coisas da nossa vida. Soube que tinham 700\$ para instalar o *basket-ball* no Lar. *Oh rapaz; olha se arranjas mais em conta.* Arranje que não arranje, temos de dar aos rapazes o que lhes pertence, ou não os tivéssemos recebido. Enquanto falavamos, aí vem de entre a multidão chique uma chuva de *você é que é o tal?* Sim senhor. Sou o tal. Para uns, uma coisa admiravel. Para outros, uma coisinha detestavel—o tal!

Ponteiro nas seis e dez e o comboio a meter o nariz no tunel. Em Coimbra, entrou Padre Adriano. Tinhamos assente uma visita em comum às obras do Tojal. Há dois mezes que ali não ia. As obras vão devagarinho, sim, mas vão. Cozinha. Refeitório Copa. Começa a vida a emergir do montão. Nós herdamos ruínas e levantamos cidades. Quem viu Paço de Sousa há 4 anos! Quem vê Paço de Sousa hoje! Assim no Tojal. De quanto nos não teem valido os donativos anónimos? A oportunidade ergue-os às alturas. Não fôssem eles e tinhamos de parar. Assim, está por dias a instalação dos primeiros rapazes das nossas outras casas, que também foram e já não são ruínas! Eles são os fundadores. Tinhamos de parar, sim. Tanto empreiteiros como fornecedores pedem abonos. *E' costume, dizem.* No norte, outros costumes.

Padre Adriano, regressou no mesmo dia. Eu fiquei pró seguinte. Andei por lá. Notei que já se fala com interesse na próxima abertura da casa: *então quando é?* Da porta de uma ourivesaria chamaram por mim. Foi para dizer que estavam ali joias com o pedido de vender pelo melhor preço. *São prá Casa do Gaiato.* Mais na Baixa um tome lá cem e mais um tome lá roupas e mais mil escudos e mais quinhentos escudos. Sim senhor. Bons prenuncios! A maior oferta, porém, teve lugar na sala do Francfort, à meza. Vem um creadito fardado e entrega um papel. Desembrulhei. Era uma nota de cem e no papel, vinha a dizer *para a nossa Obra e que Deus a abençoe.*

Eis aqui a grandeza. Toda a grandeza: *nossa obra.* Um anónimo a dar a um anónimo. Estava ali na sala a pessoa que deu. Não disse quem

era, tão pouco eu perguntei. Que importa quem dá? Aonde o valor de quem recebe? A obra é que vale. *A nossa obra.*

Ando tão fartinho do elogio à *sua obra.* De vêr em letra redonda a *obra dum homem.* De ouvir falar do *apostolo.* Tão desconsolado de tudo isto, digo, que não sei como hei-de agradecer a quem poz as coisas no seu lugar: *Tome lá e que Deus abençoe a nossa obra.*

Dos Ministérios, nem bem nem mal. Ausencia de noticias são boas noticias. Esperemos.

Regressei. Mal o comboio se põe em marcha, aí vou eu prá porta do refeitório,—que ali se chama vagon restaurante. E' a casa onde se come, por isso lá fui bater... Um senhor, pergunta-me se eu me quero sentar ao pé dele. Quiz. Sentei-me. Deu-me café. Deu-me um bilhete da Lotaria e para que eu não perca tudo, no caso de não sair nada, deu-me mais 500\$00.

E' meu costume sair de casa sem um vintem na carteira e regressar com ela cheia, depois de ter feito e pago as despesas. Porquê? Porque enquanto por lá ando, procuro dentro de mim e encontro dentro de mim 300 vadios amparados e defendidos. Sim. E' dentro de mim que eu os encontro. Se na rua, se no taxi, se à espera dos grandes senhores. Se na esperança, se na tristeza, se no desalento. Aonde quer que seja, como quer que seja, eu sinto e topo cá dentro esta deliciosa realidade: Trezentas creanças. Trezentas que não eram. Que difficilmente seriam. Que hoje prometem ser. Eu, perdido e confundido na multidão, sempre a encontrar-me! Quem vive? Quem ama! Quem ama os outros como a si mesmo. Quem ama, sobretudo, a creança que não é amada! E' um panorama interior vivificante e comunicativo. *Lá vai êle. E' aquele mesmo.*

Ele quem? A Obra da Rua. A nossa obra. *Tome prá nossa obra.* Ao meio dia, estava em Coimbra, de onde segui a Miranda. Casa de Miranda. Berço da Obra. Há trez meses que ali não ia. Estava Padre Manuel, um novo que se veio juntar à pequenina grei. Padre Adriano estava em Coimbra ocupado com a abertura do novo lar do Gaiato naquela cidade. Vi as obras que trazemos em Miradda. Vi a população da Casa. Dei algum dinheiro ao Padre Manuel, do que em Lisboa me tinham dado. Deram-mo de graça e da mesma sorte o dei. Padre Manuel, olha, conta, guarda numa gavêta: *você nunca cuspiu num ferro quente? Chama-se isso em fisica, calefacção.* Não sabia. Eu não sei nada. *Pois êste, dinheiro,* continua êle, *é saliva em ferro quente.*

Cheguei a Casa à noite, depois de uma ausencia de seis dias. Seis dias por lá. Muitas novidades. Muitas queixas. Muitos anseios. A bomba do dia foi duas toiras. Duas bezerras. *Nasceram duas toirinhas.* Estão mais trez à porta. Estas dão que falar até que aquelas venham.

DIRECTOR E EDITOR: — Padre Américo

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Gaiato do Porto—Paga do Banco

Vales do Correio para Cete

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares R. Santa Catarina, 828—Póvoa

Preço 1\$00

A nota desta quinzena é feita de uma coisa muito pequenina, como, afinal, são pequeninas todas quantas aqui se tratam. A grandeza és tu que lha dás. E' o sol que faz reluzir as coisas. Foi assim. Eu ia por aí abaixo e sentei-me na berma da estrada, à espera dum carro ligeiro. Nisto, vejo que uma mulher do povo se ia aproximando, de taleiga à cabeça, certamente a uma venda que ali era. Mas as portas da loja estavam fechadas. Sem dar nota de mim, a mulher do povo poisa a taleiga na soleira, e senta-se sobre ela, visivelmente cansada. Vinha descalça. No rôsto, traços de quem passa mal. O cabelo era branco. Não tardou que olhasse e me visse em frente. Não me conhecia. Tão pouco eu a ela. Mas sem demora, a mulher do povo, branca e descalça, apoia-se num dos braços, ajuda-se a si mesma e levanta-se num doloroso ai, do caminho que trazia. Quiz impedir, mas já não cheguei a tempo...

—Para que é que se levantou?

—Nós temos esta obrigação!

Chegou o carro ligeiro. Se algum dia tive vergonha, foi naquela hora, ao sentar-me na almofada e deixa-la na taleiga! Ela! A Mulher do povo! A descalça, a dar lições ós bem calçados. *Nós temos esta obrigação.*

Eu cá aproveitei, e fiz dela uma grande meia hora, no domingo seguinte, à nossa comunidade, na sala de canto. Estavam todos menos os *Batatas.*

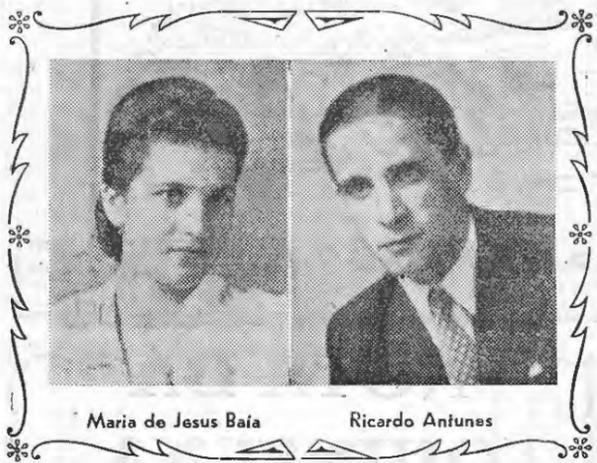
E' preciso dizer e ensinar a mocidade que há distancias no mundo social. Que há categorias. Que não somos todos da mesma egualha. Esta doutrina encontra-se tal qual no seio da própria natureza. Ela é tão natural, que esta mulher do povo, que não sabe letras nem saiu jamais da terra aonde nasceu, por isso mesmo, deu a lição ao mundo ilustre e viajado. *E' obrigação que a gente tem.* Não gostas do pé descalço? Proibes o pé descalço? Eu antes queria que em vez de proibir, se desse a cada um os meios de se calçar. Mas a verdade é que a gente não vê grandes lições nas tairocas da moda. Eu cá nunca lhes ouvi dizer que *teem a obrigação de respeitar* e de levantar os oprimidos. Nunca. Antes, pelo contrário, querem elas mas é levantar-se cada vez mais. Elas e eles.

Noticias do Lar dos ex-pupilos dos Reformatórios

Havia de haver ali tambem um cronista, como os das casas do Gaiato, mas acontece que a casa é povoada de homens que já passaram á história. História d'eles. Da vida d'eles. Por isso mesmo anda cada um ocupado a fazer a sua e não tem tempo para escrever a da comunidade. Eis porque eu passo a dizer hoje algo do que por lá ouvi, durante umas horas que estive. Jantei com eles. São muitos. Muitas artes e profissões. Esperanças. Resoluções. Sonhos. Alguns começam já a experimentar os enganos da vida. E' a vida! Um episódio que vale a pena contar para nossa erudição. Sim, digo bem. Ele ha muitos eruditos que não sabem quanto valem nem do que são capazes, estes que foram da rua. Ora oiçam. Havia na comunidade um reincidente. De tantas que fez, encheu a medida. O maioral estava em ferias, mas deixou substituto. Foi êste que resolveu. Expôs. Considerou. Decretou: — Expulso da comunidade. O reincidente escuta, aceita, sai do Lar. Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.



Consórcio



Maria de Jesus Baía

Ricardo Antunes

Na segunda semana do mez d'Outubro, cidade de Coimbra e igreja de S. Bartolomeu, teve lugar o enlace matrimonial destes dois; e se a este cabeçalho juntasse os nomes e apelidos dos que formavam o cortejo nupcial, dissesse a côr do vestido da noiva etc. teríamos a notícia à moda da grande Imprensa, em casos semelhantes. Mas não.

Nós cá não. Vamos por outros caminhos. A notícia que damos aos leitores é que o Ricardo estava presente no casamento do Simões Cabeça, há um ano, o ultimo rapaz do Lar que deu este solene passo, e ali mesmo me disse, ao copo d'água: *olhe que a seguir sou eu.* A que é hoje mulher d'ele, é irmã da que foi então mulher do Simões Cabeça. Ouvi o recado. Disse que sim. Tinha de dizer que sim. O Ricardo desabrochou na Obra da Rua. Andaram os tempos e aí vem uma carta do rapaz: *olhe que está para ser.* Mais uns tempos, mais outra carta: *E' agora.* Apresentei-me. A's 10 horas precisas, estavam os Noivos e mais pessoas de familia. Li o ritual, aonde cada palavra é um monumento! Daí a nada, saímos todos da igreja. A recepção era em Celas. Tinha deixado ficar o Morris em casa, mas appareceu um outro! Foi um senhor do Norte que me conhecia e que se aproximou a pedir licença de me beijar a mão.

Não. Antes quero que me leve a Celas no seu carro. Assim foi! Era uma casinha modesta. Um serviço modesto. O Ricardo é tipógrafo. Outros irmãos ali presentes, modelam barro, sendo um deles, um verdadeiro artista. Do lado da Noiva, o mesmíssimo panorama. Se não fôsse um serviço modesto, seria uma grande mentira social.

Abertura solene do Lar do Gaiato de Coimbra, em Coimbra

Digo bem, solene. A solenidade não vem da assistencia numerosa e ruidosa. Vem mas é da própria essencia da Obra da Rua. Ela é que é uma coisa muito solene. Quem é que o diz? As almas a gritar! Pois foi, sim senhor. Foi no dia 11 do mez de Outubro. Que lindo dia de sol! Sol de Coimbra! Da Cumeada, aonde fica o Lar! Era um daqueles dias em que a gente tem pena de morrer!

A's horas, estavam à mesa. Foi batatas e peixe. Foi maçãs e uvas. Foi pão e vinho. Eram eles, os felizes povoadores da nova casa. Era o Padre Adriano, que também está a sêr um *desordeiro.* Era eu. Eu. O homem do dia. O grande contemporaneo.

De Miranda, vieram uns tantos; uns empregados, outros a estudar. De Paço de Sousa, foi o Carlos Inácio. Ia desolado. Ele é do Porto. E' do Boa Vista. Ia comidinho de saudades pelo Caiado: *Nunca mais o vejo!*

Regressei a Casa. No comboio saborei os Lares. A legitima sequencia das Casas do Gaiato. Sem eles, não seriam elas obras de verdade. Remendos. Seriam um remendosinho. Vistoso que fôsse. Falado que fôsse, era sempre um remendo. Ora as almas não podem ser remendadas. Temos de as tratar como elas são, até ao fim. Eis porque, agora que temos a Casa do Gaiato, em Loures, vamos já começar a vêr de como e aonde há-de ser o Lar em Lisboa.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

As vezes veem cartas a dizer à gente que a coisa mais bonita que o jornal tem, é a secção *do que nós necessitamos.* Nem admira. Ela é o coração. Aqui fala êle; diz do que tem lá dentro. O' sublime falar!

Mais um pacote de calçado. Mais roupas a dizer que podemos usar sem receio. Duplo carinho. Mais duas toalhas de Mirão. Mais um pacote com 3 dúzias de tubos de pasta pra dentes, de Murça. Mais cintos de Leiria. Mais uma toalha de Espinho. Mais um lençol. Mais cintos e roupas. Mais cintos. Não me enganei quando disse aqui que os cintos são a prenda. Logo a seguir ao arco, vem o cinto. Prendas de creança. Não me enganei. Mais uma gabardine de Lisboa. Mais um cinto de Braga. Mais dois cintos de Lisboa. Mais algodão em fio. Mais flanela. Mais roupas preciosas e calçado precioso, da mesma Pessoa que deixou uma nota de 500\$ no Espelho.

— «Há poucas semanas li de uma senhora que enviou uma dádiva no dia em que uma criança veio a este mundo. Isso me trouxe logo a ideia de uma pequenina oferta, no dia em que Deus permitisse a vinda ao mundo do primeiro netinho, o qual chegado hoje pela graça do «Senhor, encontrando-se Mãe e filho bem!»

Como se não há-de saborear e chamar linda a esta secção do *famoso!* Quem há que não estremeça?!

Mais de Lisboa uma quantia de dinheiro: — *e como mãe de 8 filhos que sou, agradeço de todo o coração o carinho e o conforto que a Obra dispensa a tantas creanças a quem falta o amparo natural.* Não. Ainda não temos em Lisboa um *Depósito* como no Porto, mas em breve haremos de ter, e depois se comunica. Mais selos postais. Mais idem. Mais 100\$ de uma estudante. Mais roupas *para os Batatas.* Assim é designada e conhecida a classe dos nossos mais pequeninos — os Batatas! Estive há dias em Miranda. Perguntei a razão de uns objectos que lá vi: *São prós Batatas!*

Mais um *aqui vai a minha toalha.* *Se todas as senhoras e raparigas do Porto, enviassem uma só toalha da seu enxoval, não ficariam pobres por isso e na Aldeia do Gaiato, cairia uma chuva de toalhas.* Faço minhas estas palavras. Mais 560\$ dos Empregados da Vacuum em Lisboa. Mais dois pneus de Lisboa. Mais os 20\$ do costume.

Mais 445\$60, subscrição feita na maré da Missa Nova de um Sacerdote de Cortegaça. Mais isto: *Em tempos fiz umas promessas com o Se. Nunca mais tornarei a fazê-las assim.* Se a leitura de *O Gaiato* faz luz e cria resoluções dentro das almas, Deus seja louvado. Mais nada. Mais nadinha. Outra vez mais isto. E' de Lisboa: *seguem umas camisas usadas, cuecas, peugas e um laço. Talvez por minha culpa, a vida tem-me reservado horas de sofrimento intraduzível. Por isso compreendo a dôr alheia e a sêde de verdade e de justiça que o anima.*

Assina-se João Ninguem.

A primeira lição do Sofrimento é sêr-se humano. Vê-se aqui. Está no pronome *o.* Ele é que está animado da fome e sêde de justiça, e diz que sou eu

Mais no *Depósito, por alma de uma menina muito afeiçãoada à Obra 500\$.* E mais dinheiro e mais dinheiro no mesmo sitio.

Quando há uns anos cheguei a esta terra e comecei com os fundamentos desta aldeia, logo correu por aqui a sentença dos prudentes:

Ele é tolo! E o dinheiro?

Homens de pouca fé; porque duvidais?! Mais cintos. Mais ditos de Lisboa. Mais de Braga. Basta! Não quero mais cintos. Agora quero mas é pasta prós dentes.

Mais de Lisboa alguns pares de sapatos e roupas, a dizer que podemos usar sem receio. E' o selo branco da oferta, a marca da verdadeira caridade. São donativos de consciência. Mais cintos de Braga. São de vidro. Teem vindo ultimamente muitos destes. Júlio estava quando abri os pacotes. Ele é que me disse de que se tratava. Falou em matéria plástica, coisas sintéticas, segrêdos não sei de que país, roubados não sei por que país. Melhor. Ele disse os nomes da nação roubados e da que roubou, mas anda por aí tanta polvora no ar, que eu cá não digo... Só me espanto dos conhecimentos do Júlio. Ou êle não fosse do 4.º ano do curso comercial.

Mais nas ruas do Porto uma nuvem de notas, à maneira que eu passo. Mais uma toalha de algures. Que toalha! Foi marcada para o quarto de hóspedes. Sabe porque é que a gente não mandou a panela que nos pediu? Sabe sim.

Leia o *famoso* e já vê tudo: casas em Miranda. Casas em Coimbra. Casas no Porto. Em Paço de Sousa. No Tojal. Em todas estas há lareiras. Em todas as lareiras, painéis. Que mais quer?! Mais de Vizeu dinheiros e cintos e coisas. Vizeu! Sim Senhor. Vizeu está procurando categoria. Mais pasta pra dentes de Paredes. Pasta não. Pós. Mais dois cintos. Mais um cinto. Roga-se o obsêquio de parar. Mais uma cartinha da Abru-nheira; sim senhor. Livros de Júlio Verne dizem bem na nossa biblioteca. Os que vieram, teem sido devorados. Mais cintos e duas canecas de folha de flandres. Que bom! Mais 20\$ da Covilhã. Mais medicamentos do Porto. Mais duas toalhas de Vizeu, de *uma costureira.* Uma coisa que não temos e muito precisamos, são lenços. Lenços de mão ou de algibeira, consoante queiras designar.

Mais um corte de fazenda pra batina — e que fazenda! Foi oferecida por um amigo da primeira hora. Amigo de Coimbra. E mais nada.

Notícias

de Miranda

A quinze dias da fundação da sucursal de Miranda do Corvo, na Quinta de Cidral, podemos já dar notícias satisfatórias.

O Carlos Inácio matriculou-se no Colégio Pedro Nunes. As saudades de Paço de Sousa, atacaram-no fortemente nos primeiros dias. Esteve a ponto de desanimar, mas conseguiu reagir. Já está com medo de ir passar a consoada à Aldeia dos Rapazes e sentir nova tempestade como desta vez.

Nas horas vagas atirou-se aos Senhores de Coimbra para conseguir novos subscritores. O primeiro nome da lista apresentava a oferta de 300\$.

— *Copie este! a minha primeira cópia na escola foi a melhor.* Com a lata que tem, conseguiu sessenta subscritores em pouco tempo. A pesca continua. Há quem lhe ensine como há-de falar, a quem há-de ir. Há quem censure que fulano desse tão pouco e que sicrano não desse nada. Há empregados que suplantam os patões etc.

O Inácio volta sempre entusiasmado com a simpatia criada à volta da Obra.

Muito tem contribuído para isto a fita da «Aldeia dos Rapazes», no Sousa Bastos. Multos julgam a película superior à «Rainha Santa».

A fundação do novo Lar pôs-nos à porta uma dúzia de cães. Quem quiser saber o tamanho deles pergunte nas Oficinas da Penitenciaris, Jorge Mendes, Suportadora, Monteiro Lourenço etc. Noutros tempos havia quem lhe atirasse, com entusiasmo. Porque não há-de ser agora da mesma maneira?

Dentre as dádivas mais oportunas desta quinzena registamos uma carta lacrada com 2000\$ para qualquer dos «Rapazes, da Aldeia ou da Casa do Gaiato que sinta vocação sacerdotal». Andavam dois no Seminário: um que apanhou distincção em quasi todas as cadeiras de latim. *Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.* O outro passou para o 3.º ano. Está a cargo dum Padrinho de Vieira do Minho e duma Madrinhã da Cova de Iria.

Seguiu mais um para o Seminário de Figueira se este Senhor de Coimbra, quiser repetir a bola de todos os anos, terá um afilhado agradecido.

— No Castelo, apenas encontramos algumas revistas para os doentes do Hospital.

— 10\$ mais 5\$ duma pobre empregada.

— 500\$ dum médico amigo, Talvez depois de ver a fita da Casa do Gaiato.

— 20\$ dum estudante que todos os meses bate à porta; 10\$ de visitantes pobres.

— 20\$ a um ardina da futura casa a abrir.

Uma maquina electrica vinda de Algés para tratamento da tosse convulsa, dirigida ao Cronista de Paço de Sousa. Para lá foi remetida visto não termos tal doença entre os nossos pequenos.

Um sacco de nozes, que appareceu surratelymente sem vozes; devem ser das melhores.

Numerosas ofertas dum jornalista do Porto que ficou maravilhado com a Visita a Miranda do Corvo. E' pena que a gente de Coimbra não conheça a sua Casa do Gaiato e que sejam os de fora a presenciarem com a alegria bem que aqui se faz bem!

UMA VIAGEM Á CIDADE DE LAMEGO

O GAIATO

1 DE NOVEMBRO DE 1947: 3

Estava lá tudo preparado por dois amigos da *Obra da Rua*. Daqui fomos num *Dodge*. O *Morris* ficou. Levamos o documentário da aldeia. Às 22 horas, estava ele a passar na tela do cinema local, com visível alegria da assistência. No final, apareci eu no palco. Tenho de aparecer. É preciso que eu apareça. É por amor de Deus.

Estava um pequenino tabuleiro à saída, sobre uma pequenina mesa. Tudo muito simples e muito compreensível. Para os que bem entendem, quanto menos palavras melhor. O documentário mostra as casas da aldeia. Mostra o refeitório. Mostra os rapazes a comer. Está tudo dito. Sabe-se para que é o tabuleiro à saída da porta, sobre uma pequena mesa... Os assistentes souberam e explicaram-se muito bem. Passou de

cinco contos e quinhentos. O interesse dos Amigos que ali me levaram, foi soberano. O interesse do Senhor do cinema, está fora e acima de toda a marca. Muito deve à cidade de Lamego. Mas há mais. Muito mais. Ao pé do tabuleiro, encontrava-se um caderno de papel de 25 linhas para aqueles que quizessem, dar o nome e ficar assinantes deste quinzenário. Muitas dezenas quiseram e ficaram por assinantes. Estas dezenas, vão necessariamente passar a outras dezenas, o gosto da leitura; e outras a outras. De forma que, quando, no próximo ano regressar a Lamego, não tenho assistentes nem nos camarotes, nem na plateia. Tenho assinantes.

Cheguei a casa.

Todos querem saber, na forma do costume. *Que tal?* Narrei. Houve uma voz que se levanta e berra, de contente: *Traz-os-Montes está a marcar!* Mas logo outra acode: *Qual Traz-os-Montes? As Beiras. A Beira Alta. A Beira alta é que é!* Uns são das Beiras. Outros de Traz-os-Montes. Nós temos cá de todas as Províncias. Eis a confusão. As terras não mudam mas os homens sim. Vem um e risca por aqui. Vem outro e risca por ali. Lamego já foi, creio eu, das Beiras. Agora, é doutra Província. São cataclismosinhos de tinteiro! Daí a calorosa discussão entre os nossos: *Mas sim! Mas não!* Chamou-se o professor. Pôz os pontos nos is e acabou.



O Cego da Aldeia mai-lo seu môço. Eu peço muita desculpa de pôr aqui *cego*. Agora parece que se diz *invisual*, por via do progresso. Mas nós somos conservadores. Conservador não é sinonimo de atrasado; é guardar o que é moralmente bom. Ora vamos lá. O cego mai-lo môço. Os cegos de nascença veem mais do que nós; é com a própria inteligência que eles dão fé. Deus reparte. Compensa sabiamente e suavemente. Não tenho pena dos cegos. Não tinha, até aqui. Mas desde que olhei para esta fotografia e vi nela o sorriso da criança, sim, tive pena. Agora tenho pena do cego da nossa aldeia. Também tu hás-de lastimar a sorte dêle e bendizer a Deus o dom dos teus olhos! O sorriso desta criança, o *Pretita*. Filipe, como ele se chama. Era das ruas. Andava perdido pelas ruas. Quantos sorrisos como êste não andam por lá a chorar! Dizem que há passarinhos que cantam muito bem, mas nas gaiolas, não. Ninguém os ouve cantar. Assim os *Filipes*. Só cantam e riem aonde houver sol e liberdade!

Foi assim. Estava um senhor que veio de propósito à nossa casa tirar retratos. Eu quiz o do cego e do môço, mas o cego não queria. Desciam os dois a avenida. Fez-se alto o Filipe. *Cego*, dá fé e não quer parar. Filipe, puxa pelo seu amo. O amo puxa pelo seu môço. Nisto, entra o fotógrafo e aqui está o que aconteceu.

Ditosos olhos! Se colecionas o *Gaiato*, põe um papel de seda sobre a face do Filipe, não venha o sorriso a perder a côr!

UMA CARTA

Eu fiz anos um dia destes. O correio trouxe uma carta, que pela letra, conheci ser do Padre Manuel, um novo que se quiz juntar a esta *Obra Nova*. Ele ocupa-se das Casas de Coimbra e de Miranda, enquanto Padre Adriano anda a vêr se conquista Lisboa, oito seculos depois de conquistada!

Antes de abrir a carta do Padre Manuel, tomei por certo tratar de felicitações. O momento não pedia outro assunto. Não podia ser mais nada senão somente as palavras do estilo, em semelhantes ocasiões. Não devia ser. Pois enganai-me. Padre Manuel traz em mão coisas muito mais serias do que os anos dos mortais. Ora vejamos aqui a carta d'ele, tal qual:

«Dividas. Alem da conta dos Parreiras, que deve ser grande:

De cantaria 500\$00
Cavacos 862\$00
Mercearia 414\$00
Ferro 966\$60
Vidros 187\$50
Tejolo 260\$00
Milho 2.100\$00
Cimento 750\$00
Pregos 300\$00

Tenho em caixa 860\$00.

Dentro em breve precisamos de mais cal, mais pregaria, madeira, blocos, tejolo cimento etc. etc.—e a participação sem chegar.»

Não tirei nem acrescentei coisa nenhuma. Ai está o presente d'anos como me foi oferecido pelo jovem obreiro. Nunca se viu no mundo, mas vê-se agora. O quê? Levantar casas, Construir aldeias, sem dinheiro e sem dividas! É o amor. O amor á criança da Rua. Não é mais nada, meus senhores e minhas senhoras.

CRONICA DESPORTIVA

Galatos 3

J. O. C. da N. S. da Conceição do Porto 0

Os Gaiatos tiveram umas jogadas de ataque mas sem resultado, aos 15 minutos Periquito centra uma bola com boa conta, esta é apanhada pelo Rio Tinto que remata forte e faz o primeiro tento dos Gaiatos. Há uma jogada de ataque dos visitantes, mas Poeta entra em acção e desfaz o perigo, a bola é apanhada pelo nosso médio centro Jacinto que enviou a Daniel este centra Rio Tinto de cabeça passa para Cête este para o Periquito, e aí vão estes dois mais pequeninos levar ao cêbo estes grandes, Periquito já passou o esférico para o Cête, que enviou para Rio Tinto, que é desarmado pela defesa, Maximiano bem colocado atira o esférico para Bernardino, que centra, e Rio Tinto consegue apanhar a bola dribla um defesa remata e a bola bate no poste da parte de dentro e resalta para fora, é um defesa que alivia, mas a assistência grita gôlo, o arbitro envalidou. Neste primeiro tempo os Gaiatos encontravam-se vencedores por 1-0. Segunda parte.

Na segunda parte os visitantes reforçaram a linha com três jogadores. Começou por uma avançada dos visitantes, mas Constantino consegue aliviar deitando a bola para o centro do terreno, esta é apanhada pelo Rio Tinto que passou a Daniel este para Bernardino que tenta o centro, mas é desarmado. Nova jogada de ataque dos visitantes, que termina com uma boa defesa de Amadeu, este bate a bola para o centro do terreno que é apanhada pelo Maximiano que passou para Rio Tinto este para o Velha que atira forte às rêdes sem resultado. O guarda-rêdes já bateu a bola para meio campo, à uma luta rinhida entre Maximiano e o meia esquerda, Maximiano consegue levar a melhor e atira a bola para Cête este para Rio Tinto que fá a rematar, e um defesa passa-lhe uma rasteira dentro da grande área, o arbitro assinala penalto vai o Amadeu marcar, atirou rasteiro forte e o guarda-rêdes mergulha e não consegue evitar 2.º gôlo. Os visitantes tornaram a atacar, com perigo mas o nosso guarda-rêdes defendeu mais uma vez, faltavam apenas para terminar o encontro 14 minutos quando o arbitro manda marcar um castigo contra o grupo visitante por falta do médio esquerdo, o castigo foi apontado pelo nosso defesa esquerdo Poeta que obrigou a bola a entrar na balisa sem que o guarda-redes pudesse defender, e assim se marcou o 3.º ponto dos Gaiatos. Mais umas jogadas de ataque tanto dum lado como do outro mas sem resultado, o arbitro deu por terminado o encontro com os Gaiatos a ganhar por 3-0.

O CRONISTA.

P. S.—Este cronista é como todos os da aldeia. Quando ganham, ninguém os atura. Quando perdem, na mesma, São portugueses.

Mirante de Coimbra

Já lá vão quase três lustros que dobrei pela primeira vez os portões da Penitenciária.

Recordo bem a impressão tétrica que daquela visita me ficou. Sentinelas armadas a cada esquina, portões de ferro a ranger uns após outros à nossa passagem, o estalido prolongado de centenas de tamancos a rastejar pelo pavimento cimentado, o ar sombrio dos presos que passavam ao nosso lado carregados de números, a linha interminável de selas que se estendiam nas quatro direcções da rosa dos ventos, os vultos que assomavam curiosos ao portigo das mesmas enfim, tantas coisas que não esquecem...

Os tempos rolaram, ministro sucedeu a ministro, e as leis que ditaram, às vezes saíram acertadas. Mais do que nenhuma, esta de aproveitar o trabalho dos reclusos. Agora é já com outros olhos que entro naquela casa. Enquanto os artistas se agitam febrilmente, cada qual no seu officio, num trabalho que os distrai e com um lucro que estimula, muitos outros vão sendo distribuídos por várias zonas da cidade, nos serviços de utilidade pública. Nenhum foge. Não é a boca de fogo do guarda que os segura: é o amor ao trabalho pelo bem dos seus e até do próximo e o horror pela solidão. Ainda há pouco os vi trabalhar com afínco na armação da «Casa do Ardina». A alegria dum deles transpareceu-lhe no rosto, quando parou momentaneamente o martelo, para me fazer ouvir mais nitidamente aquilo que trazia no peito: Muitas casas destas, padre, é que se haviam de construir, para que não fôsem tantos parar àquela em que me encontro. São mais a pensar da mesma maneira. Passei por outro grupo de reclusos Trabalhavam também alegremente na terraplanagem duma nova avenida. Não conhecia nenhum deles, mas fui logo reconhecido.

—Este senhor, já nos tem visitado na Penitenciária.

—É verdade que às vezes lá vou.

—Nós conhecemo-lo; nós lemos «O Gaiato». E olhe, acrescentou com convicção, se houvesse no mundo maior amor nada disto se veria.

—Isto o quê? perguntei.

—Estas fardas, estes números, esta desordem que vai pelo mundo.

Gostei de ouvir esta verdade da boca daquele criminoso que num momento de ódio mal contido, liquidou o seu irmão por questões do *meu e teu*.

Foi na solidão duma cela que encontrou a chave dos problemas do mundo—o amor entre os homens. É verdade. Se por um lado o amor aos abandonados, aos pequeninos, preserva do crime e por tanto limita o número dos criminosos, por outro o amor entre os grandes evitaria a ruína da humanidade que tão combalida anda. Era bom que os dirigentes do mundo passassem uns dias na reflexão das celas duma penitenciária. Podia ser que agora se falasse menos em revoluções e rumores da guerra.

Continuámos a nossa conversa.

—O trabalho pesa-vos muito?—perguntei.

—Nada! Preferimos um ano de trabalho a um mês de cela. Depois ganhamos para o fumo e para mandar alguma coisa às nossas famílias. Ao falar na familia um deles estremeceu. Quis saber porquê.

Há horas na vida, esclareceu, em que mais vale morrer que presenciar as privações dos nossos filhos. Foi por causa disso que aqui vim parar. Li nos jornais que a criminalidade na Itália aumentou assustadoramente. Apontava-se a pobreza como a culpada de mais de cincoenta por cento dos casos. Há-de ser falso.

A pobreza não leva ao crime. A ganância, a especulação, a avareza dos que possuem muito, isso sim. Foi o caso deste homem.

P.e Adriano



O Gaiato

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Director e Editor — PADRE AMÉRICO

4.ª Página • 1 de Novembro de 1947

CHEGOU aqui agora mesmo o Chico de Casaldelo, a mastigar: *Desta vez é que ela é boa.* Trazia na mão um grande naco de pão cozido: *saiu agora mesmo do forno.* Eu deixei-me estar aonde estava, silencioso e ocupado, mas o rapaz queria conversar. *O nosso pão. E' a nossa borôa. E' feita pelo Rio Tinto.* Aquêlê nosso pão, dito por aquêlê rapaz, vale uma biblioteca. E' um tratado de amor ao Lar, à Família, à Vida. E' daquele amor que nasce o à vontade de vir com a bôca cheia e fóra d'horas, conversar com o senhor director da casa. Não houvesse êste amor, que havia o mêdo.

Houvesse êste mêdo, e tínhamos o dissimulado. Assim não. Assim temos o Francisco de Casaldelo. Ora aqui está.

É preciso mais tinta. São os escriturários do *Gaiato* a falar. Meio litro dela por mês! O Cête alvitrou comprar-se pó e fêzê-la em casa. *Fica mais em conta,* disse. Assim vamos fazer. Onde eles gastam mais é nos dedos. Não é na escrita.

E' nos dedos. Nos cinco dedos da mão direita e ainda passa alguma prós da mão esquerda! Aqui há tempos dei uma volta pelas casas à noite, a ver como estavam os seus habitantes. Todos na cama, já se vê. Não foi preciso perguntar a ninguém quais as camas dos escriturários do famoso.

Lá estavam os dedos a dar a respectiva informação. Dedos a falar. O' eloquencia!

ESTAVA o Morris prestes a sair e eu nele, quando aparece alguém de Agueda, com um pequeno pela mão. Mais um! E' muito difícil convencer as pessoas da nossa situação. O problema delas é mais simples: *Ande lá; é mais um.* Aqui há tempos, vi-me obrigado a fugir para a nossa mata, perseguido por duas mulheres do Porto, que a toda a força e em todo o modo queriam deixar dois irmãos. E' isto todos os dias. Mas vamos adiante. Enquanto me desembaraçava do pequenino de Agueda, apareceu outro naquele mesmo sitio e mesma hora. Vinha pelo seu pé. Calça comprida, desgredado, queimado do tempo, muito alvorçado:

Deixe-me aqui ficar! Não atendia a quem estava nem ao que se dizia. Não via as casas. Não via os homens. Trazia no peito uma grande e actual aflição. *Deixe-me aqui ficar!* Quis saber quem lhe dissera para vir até nós. *Foi um homem.* Quis saber de onde era. Da Vila da Feira. Depois de despedir o caso d'Agueda, viro-me para êste. Coisa muito dolorosa! Uma creança a falar!! O de Agueda, trazia quem falasse. Este, não. O homem deixou-a à porta e foi-se! Tomei-o pela mão e descia a avenida a saber do porteiro quem é que o trouxera, e entretanto vou-lhe dizendo que não pode ficar. *Tu não podes ficar tens de ir embora.* O infeliz soluçava. Havia nele uma profunda ansiedade. Olhava em redor: *E agora? E agora como há-de ser? Eu já não sei do homem que me trouxe!*

Cortava o coração da gente, a angustia desta creança abandonada! Cheguei ao porteiro. Tinha sido um senhor, diz o Lourenço. *Deixou-o ali em baixo e mandou-o entrar aqui.* Eu enchi-me de coragem. *Tens de ir embora!*

O pequenino desgredado, aflito, queimado do tempo, abre de novo em soluções e passos vacilantes: *E agora como há-de ser!* Saímos os dois àquela hora. Eu para Lisboa com êle no peito. Ele não sei pra onde, com a sua infelicidade.

Mal haja quem o veio cá pôr! Não é filho do tal homem! Se fôsse tinha entrado e conversado. Era o Pai! Mal haja!

Como posso eu abrir as portas a casos desta natureza? Se o fizesse, era a desordem? A invasão.

NÃO foi assim com aqueles dois irmãos de quem nos ocupamos aqui, em um dos derradeiros numeros. Vieram cá ter. Não foram mandados. Expliquei as dificuldades. Aceitaram. Regressaram a sua casa.

Mas depois vem uma carta. Uma carta muito equilibrada. *Olhe que foi uma desgraça não ter aceitado os rapazes.* O mais velho já está no aljube. Para o aljube vão muitos rapazes da rua. Mas êste, nunca foi da rua. Daí o ter sido péssima a sua entrada. *Olhe que foi uma desgraça.*

mesmo coração que deixou ir embora o outro amor! Paradoxos.

No dia seguinte estava no Bairro tal, numero tal. Acodem visinhos. Nós escrevemos uma carta a um tal P. e Américo; se êle nos escutasse!

—Escutou, sim.
—Como sabe?
—Sou eu o P.º Américo.

Com quanto êste jornal diga sempre o sublime, não chega às alturas de dizer o que se passou! Entramos na casa dos dois irmãos. Estava o mais velho triste, rapado. Acabara de chegar do Aljube. Em cima de uma meza, um pacote de três vintes... O prologo! Entraria na matéria e viria, até, a ser mestre, se não fôsse o zelo de uma mulher do povo. *Foi uma grande desgraça.*

O Pai destes rapazes era da Carris, ao que me informaram. Morreu. A seguir morre também a Mãe. Causa? Na pequenina vivenda, tudo muito pobre, sim, mas no seu lugar. Tudo muito esmerado. Pairava ali algo de grande; a Morte, e que morte! Morte que deixa filhos abandonados! Qual não teria sido a dor derradeira da Viuva, ao sentir o que ia deixar e como deixava! Um pacote de três vintes!...

Quem sabe, meus senhores. Talvez a suprema aflição da sua hora derradeira, me tivesse levado à casa que fóra dela e trazido para ao pé de mim os filhos extremecidos que ela deixou no mundo, — quem sabe?!

A's lágrimas que eu vi; às palavras que ali se disseram; estou em dizer que foi tudo obra da aflição da mãe e da Misericórdia de Deus. Daí o ter sido péssima a entrada do jovem no aljube. Entrou aquela vez e entraria muitas mais. Resvalaria necessariamente por não ter quem no segurasse. A idade, as companhias, o mundo. O Mal tem muita força. Resvalava sim.

Ouvi dizer que os dois orfãos teem uma tença do Pai, na Carris do Porto. Como não tenho tempo de escrever nem sei a quem aqui se comunica o meu desejo de que êsse dinheiro seja creditado e guardado até que os Menores atinjam a idade e possam ir lá por êle. Nós não podemos recebê-lo. Se fôssemos a receber tenças de orfãos aqui residentes, aonde a nossa glória? Como poderia ser eu um Mendigo do Senhor? Quem me escutaria?

Agora por Carris, eu já tive um passe nos eléctricos do Porto, mas logo fiquei sem êle! Muitas dificuldades. Muitas restrições. Muita trapalhada. Resultado: não tenho passe. Parece que agora é outra gente. Pelo menos andou assim nos jornais. E' a Camara. Ou êle são os mesmos, com outro nome! Seja como fór, aqui estou eu a pedir um passe anual. Vamos a vêr.

HOJE foi encontrado atrás do aparador, no refeitório, embrulhados num farrapo, uma data de pães e marmelada. Foi um dos cozinheiros que deu com o achado. Correu imediatamente vóz. Descobriu-se tudo. Tinha sido o *Pirulas*. O *Pirulas*, é do refeitório das senhoras. Foi aos moletes e à marmelada e agachou tudo na obrigação do Norberto, que é da mesa dos senhores, pra êle ficar com as culpas, no caso de ser descoberto! Mas o *Pirulas* enganou-se. As testemunhas de acusação caíram sobre êle. Esmagaram-no. Apurou-se que êle, o *Pirulas*, já há muito que vem lambendo coisas do refeitório das senhoras. Mais se apurou que êle anda magro, por lamber. Que êle não vai pra mesa às horas, por ter lambido. Que grande freguês aqui estava, prós novemil contos de guloseimas que haviam de vir de fóra, se o Ministro não interferisse!

Mas vamos adiante. Até aqui nada que meta mêdo à gente. Um rapaz a lamber. Ele é do refeitório. Anda perto das coisas. Tenta se. Acabou. O pior, é a atitude do rapaz. A mentira. Contra toda a evidência, êle nega. Que não é que não é que não senhor! Um rapazinho inteligente, muito vivo, muito desembaraçado, amigo de trabalhar e aleijado. Que aleijão! Contradizer a verdade conhecida como tal!

Foi esta a lição do tribunal que se fez por causa do mentiroso. O réu veio ao meio da sala. *Olhem ali o perigo. Vejam esta desgraça.* Está aqui no meio de nós um aleijado.

O réu foi destituído da função de refeiteiro das senhoras. Foi-lhe caçada, também, a braçadeira de cicerone. Declarado à margem. Proscrito, até vêr.

O Abel entrou ontem na obrigação da capela, nas vezes do Manuel de Lisboa, o qual seguiu para o Porto, colocado em uma casa de comércio. Alto comércio. Nós cá andamos pelas alturas! Em vez da classica lampada, temos nós aqui na aldeia a candeia. Uma candeia regional, feita de cobre, suspensa de um *mançêbo* e êste colocado à beirinha do altar. Era assim dantes na lareira das nossas casas. O Abel, além do mais, espevita.

A candeia diz bem na pobreza da

capela. Altar de pedra. Candeia de azeite. Simplicidade.

ESTEVE ontem na aldeia a Mãe do António e do Delfim, que são o *Botas* e o *Batata Nova*. Trazia consigo uma irmã destes, que reside, ao que ela me informou, na companhia de uma senhora. O *Batata* estava e está de cama. Ele é um dos da coqu-luxe. Estava e está muito contente. Justamente o que êle gosta é de não fazer nada. Já tem vindo muitas vezes o tribunal por fugir do trabalho. Ora bem.

Chegou a Mãe com a irmã e logo se dirigiram à enfermaria, uma vês informadas do estado de saude do rapaz. Era de manhã. A mãe sentou-se na cama, a irmã da mesma sorte, o *Botas* associou-se e está muito contente. Justamente o que êle gosta é de não fazer nada. Já tem vindo muitas vezes o tribunal por fugir do trabalho. Ora bem.

Eu saia e entrava. Outra vês entrava e saia, assim como quem vai observar qualquer coisa, mas não era. Ia vêr e gozar e chorar aquêlê quadro. De uma das vezes, topei a irmã abraçada ao pequenino, olhos razos! De outra vês, era a mãe a dizer sózinha: *Qual é a mãe que não quer os filhos?!*

Eu entrava. Eu saia. Eu chorava. A mãe destes rapazes, é uma mulher nova, limpa, desembaraçada, bem falante. Ganha 10 escudos a dar bilhetes, como ela me disse, aos trabalhadores da Ribeira. O marido d'ela, tinha sido um daqueles trabalhadores. Esta mãe quer os seus filhos: *Qual é a mãe que não quer os filhos?!* Tão sinceramente lhes quer, que não sabe que ha, nem acredita que haja das monstrosidades que tu e eu sabemos...! Ela quer os seus filhos

Crónica da NOSSA ALDEIA

Escrita por Cête



Nasceram duas vitelas, são tão bonitinhas, o Sérgio veio logo a correr dizer ao nosso Pai Américo já temos

mais duas vitelas, andavam todos muito contentes. Agora os da erva teem de cortar mais erva, porque teem gente nova. Depois delas serem grandes dão muito leite para alimentar os nossos doentinhos.

Aos Domingos temos cá muitos carros, sempre carros, os nossos cicerones teem que fazer. Oh Pai Américo eu é que ganhei mais deles todos, dizia o Sapo, vinha o faz-me-riir, eu ganhei mais deles todos, e assim andavam todos os Domingos. Até à semana andavam com esta ladainha eu ganhei mais do que aquêlê; o que interessa é que o dinheiro corra para acabar a nossa Aldeia.

Veio cá à nossa aldeia um Senhor de propósito trazer uma bola ao Presidente. Pois o presidente como sabem os senhores visitantes, é o melhor cicerone da nossa Aldeia, traz sempre os senhores à Administração do nosso jornal, para os senhores que quiserem ser assinantes do nosso lindo jornal, é só dar o nome e a terra a onde vivem.

Ela ama os seus filhos. E' justamente êste amor, que prendeu os filhos uns aos outros naquela demorada visita. Os quatro muito juntinhos, muito, felizes. Estava ali a mãe! Eu saia. Eu entrava. Eu chorava. Por outro lado, todos nós sabemos que a mãe é o laço natural que prende e une os filhos. Não ha nada no mundo que a possa substituir; nem as casas do Gaiato. E contudo, as coisas passam-se terrivelmente como eu aqui digo. A mãe foi-se embora d'aqui. Deixou os seus dois filhos comigo.

Chegou ao Porto, e foi entregar a filha a uma senhora. E na segunda feira de manhã, foi dar bilhetes ós trabalhadores da Ribeira, privada de seus amores. Dos filhos que ela quer. Que ela ama. Aqui deixo ficar materia para um largo exame de consciencia. Pudera comentar,

mas antes quero que tu o faças. Segue êste fio, que vais necessariamente dar as verdadeiras causas do que praí se vê e ouve...

EM um destes últimos Domingos, *Periquito*, Daniel e Raúl, foram até Paços de Brandão, como é costume, fazer a cobrança do famoso e mostrarem-se. Os dois ultimos, foram ali dois indesejáveis. *Periquito*, também assim foi, mas em outras terras. Foi com eles, sómente para comandar. Os três, levaram a missão de descobrir o paradeiro do *Bucha*. Do Gaspar Pinto. Nada. Ninguém soube dar luzes do abandonado. Tão falado aqui na aldeia. Tão discutido. Ninguém sabe quem êle é!

O moleiro tinha por habito vir pela fornada quando muito bem lhe apetecia. Muitas vezes era a domingo durante o recreio. Rio Tinto avisava: *venha a outras horas que eu ós domingos e ós recreios não atendo.* Mas o moleiro não fazia caso. Meio dia, e aí vinha ele avenida acima, com as mulas carregadas de farinha. Mandava chamar o Rio Tinto: *Que venha tomar conta da farinha e dar o milho.* Rio Tinto respondia: *diz-lhe que vou comer.* Moleiro espera que os rapazes acabem e de novo manda recado: *Diz que vou agora mas é pró recreio.*

Moleiro começa a notar que não podia fazer farinha do Rio Tinto e agora vem a horas. A's horas da casa, não às horas dêle.

O Presidente merece bem a bola que o Senhor lhe deu.

O Pirolas foi chamado a contas, porquê, por ir ao refeitório das senhoras, e tirar de lá coisas que não são dêle, tirou tostas e trigo depois deitou marmelada. Para se salvar dum castigo foi à obrigação de um companheiro, escondeu lá as tostas e o trigo com a marmelada, só para culpar o seu companheiro. A senhora deu falta chamou logo o Pirolas que era quem tinha a chave da porta do refeitório, pois só a êle é que lha entregam, a senhora chamou-o e perguntou-lhe quem tinha mexido, êle negou que não tinha sido êle, todos sabiam que foi êle porque tinha a chave, negou outra vez, haviam provas que foi êle, mas negava sempre. O Pirolas é um rapaz muito esperto, já tinha ido vender o famoso, mas como êle soube negar, era cicerone já não é deu lugar para outro mostrar a nossa Aldeia.

N. B.—Agora que o Cête me apresenta a sua crónica, noto que também êle se refere ao caso do *Pirulas*. Deixo ir como está. Somos os dois a falar. Ambos dizemos a verdade. Não acrescentamos um ponto ao conto como em regra se faz. Cada um conta o que viu como viu.